

70%  
acrílico  
30%  
lã

*Viola Di Grado*

Traduzido do italiano por  
Regina Valente

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



Um dia era ainda dezembro. Especialmente em Leeds, onde o inverno começou há tanto tempo que ninguém é suficientemente velho para ter visto o que havia antes. Nevava o dia inteiro, à parte aquele breve parêntesis de outono que em agosto sacudira algumas folhas e depois voltara para de onde viera, tipo banda de abertura antes da estrela.

Em Leeds, tudo aquilo que não é inverno é uma banda de abertura que guincha dois minutos e depois morre. Logo a seguir chegam as teatrais tempestades de neve, abatem-se sobre a terra como uma maldição, conjuram contra o lirismo temerário das pequenas fúcsias que desabrocharam no parque. E batam palmas. Bis.

Cada inverno de Leeds é terrivelmente egocêntrico, quer sempre ser mais frio do que o inverno anterior, pretende sempre ser o último inverno. Desencadeia um vento letal com as vogais cerradas dos ingleses do norte, mas ainda mais duras, e em qualquer caso nenhum dos dois fala comigo.

E pensar que não é o inverno que as pessoas temem, é o inferno, com aquele calorzinho de chamas. Eu trocava de boa vontade, trocava o V de inverno pelo F, se a vida se pudesse gerir como um dos meus exercícios de chinês.

Das poucas vezes em que saía de casa um açaimo de gelo bloqueava-me os maxilares, e o vento virava-me o guarda-chuva ao contrário, arrancava-me da mão, arrastava-o durante metros, depois abandonava-o estropeado na beira do passeio, com as varas no ar como patas mancadas. E no entanto

os ingleses continuavam a sair de calças pelo joelho e blusas de ganga, com os pés destapados e as gengivas também, os mesmos sorrisos escancarados que tinham em agosto, e depois os mesmos passos longos, a mesma maneira descontraída de conversar, a arrastar as sílabas na boca, entregando-as sem pressa ao ar gélido que as transformava em fumo. E, obviamente, os guarda-chuvas deles nunca partiam.

Naquele dia de dezembro, acabada de chegar de um extenuante shopping em Briggate, deitei o meu novíssimo blusão fúcsia num caixote do lixo de Christopher Road.

É a rua onde moro, uma daquelas ruas que é preciso explicar às pessoas onde ficam, e até nós nos baralhamos sempre, porque é idêntica à rua que existe antes e à que existe a seguir, e também porque assim que se chega lá uma inconsciente rejeição da sua fealdade nos impele a passar à frente. Em suma, é uma rua de tal maneira feia que é uma prova de que Deus não existe, desde as casas escanzeladas de tijolos vermelhos, todas iguais, com as portas de metal negro como nas celas de isolamento, e os sacos de lixo atirados para o chão ao lado dos contentores, até à vista panorâmica sobre os takeaway de Woodhouse Street, que é perpendicular a Christopher Road apesar de nenhuma rua o querer ser.

À direita podem admirar o fish & chips a apenas três libras Da Tom, e vejam aqueles kebabs com néon, e a sinistra pizza a apenas uma libra Da Nino's, e lá em baixo os frangos com bambu e as algas fritas daquele chinês que está aberto toda a noite.

E depois aquela escuridão de genérico, como quando se está ansiosamente à espera que o filme comece, mas em Christopher Road nunca começa nada. Quando muito, acaba. Acaba tudo, mesmo as coisas que nunca começaram, tipo a comida que fica fora de prazo antes de se abrir porque falha muitas vezes a luz, e as flores morrem antes de desabrochar

porque não há sol, e os fetos têm o vício de se estrangularem com a placenta.

Originariamente era uma aldeia operária, havia a fábrica no centro e depois as casas dos operários, e uma igreja. Tudo tinha sido construído a poupar em materiais e na estética, e como ficava mais barato as casas foram esticadas em altura, sobre três andares estreitíssimos, como tristes torres de Babel para chegar ao diabo. Agora a fábrica é uma escola primária que a cada toque de campainha despeja nas ruas pequenos carteiristas.

A igreja, pelo contrário, continua a ser uma igreja, alta e escura, com uma cabeça gótica a velar sobre bandos de lápides. Mas só lá vou eu, porque foi desconsagrada e os defuntos estão esquecidos do mundo. Vou lá espiar os pesadelos dos mortos, e arrancar a cabeça das flores que desabrocham por engano, ninguém as levou para ali para honrar a memória de ninguém. Aliás recordar é proibido, as silvas estendem-se como rugas sobre as lápides para lhes esconder os nomes.

Mas às vezes, apesar de tudo, eu encontro flores aos meus pés, enquanto abro caminho pelo meio de ervas e silvas e cobras adormecidas. Ali está ela, uma manchinha de azul inocente entre as mãos de velho do tojo, um salpico de beleza naquela centrifugadora de miséria e morte, só para me provocar, e *zac*, corto-a sem piedade, como a fada que ninguém convida para as festas das histórias.

Depois volto para casa.

Estão a pensar que Christopher Road é a última rua onde situar um romance, imagine-se então a história da sua própria vida; no entanto, ao olhar agora para ela sobre a página, vejo-me lá dentro com nitidez, como numa fotografia de turma.

Eu sou aquela de nariz grande e cabelos compridos pretos, pele claríssima, não, mais à direita, estou a referir-me àquela de franja e olhos verdes, estão a ver-me ou não? Aquela que está a olhar para dentro do contentor do lixo, sim, essa

mesma. Mas não é a história da minha vida, a minha vida não tem uma história, talvez uma espécie, mas uma história não. A minha vida em vez de histórias tem crateras profundas cheias de areia, como aquelas que há na lua, aquelas que em pequenos nos parecem olhos, nariz e boca.

Façam zoom em cima de mim, morena de franja, a deitar fora o blusão fúcsia. A neve tinha transformado os sacos em afetados bonecos de neve. Naquele momento, ao enterar o meu saco preto no contentor, vi um vestido. Era verde bosque com botões brancos, todo amarrotado, e emergia por baixo de um saco plástico da Sainsbury's. Estendia uma manga comprida como uma cobra por cima do banquinho de plástico amarelo à direita. À esquerda, porém, não tinha manga.

Pensei naquela tarde tão diferente do presente que lembrar-me dela era como inventá-la, aquela tarde em que a minha mãe estava a estudar a etiqueta da camisola preta com *strass*, porque naquela altura ainda comprava roupa. Estávamos no White Rose Shopping Center, lá fora chovia, eu contava-lhe muito excitada a minha primeira aula de chinês.

– E depois há os tons! Não é absurdo? Ou seja, a palavra «Ma», conforme a tonalidade, pode significar ou «mãe» ou «insultar» ou «cavalo» ou «cânhamo»!

– Lê-me a etiqueta, querida, é minúscula.

E eu, concentradíssima no hieróglifo da baciuzinha com uma mão lá dentro: – Lavar à mão.

– Não, a composição.

– Cem por cento angorá.

– Precisamente. Vou experimentá-la.

– E esta aqui, não?

Pegou na camisola de gola alta branca, virou-a ao contrário: – Não, querida, setenta acrílico.

Tirei do contentor o vestido verde. Era comprido, em tecido, largo e informe como um saco de lixo. Tinha uma gola subida com botões, sendo que os últimos três estavam desviados para a direita e pregados com uma linha diferente,

e a gola era visivelmente estreita de mais. Meti-o na bolsa. Reparei noutro vestido que estava escondido por baixo daquele em que eu tinha pegado. Era vermelho, de lã grossa, e também este tinha uma única manga, compridíssima, e um decote que chegava ao umbigo. As pinças do peito estavam claramente acima de mais, e apontadas como se a pessoa em vez de seios tivesse aquelas pirâmides que se põem na secretária para melhorar a memória.

Peguei nele também. Stop. Este momento deve absolutamente ter um nome. Assim depois faço como com os cães, chamo-o e ele vem ter comigo. Vou-lhe chamar o início do ano zero.

Antes, portanto, era o ano menos um.

Antes ainda o menos dois.

Antes ainda o menos três.

No menos três paro de contar porque o meu pai vai morrer.

Quando entrei, a minha mãe estava dobrada sobre os joelhos ao lado da mesa da cozinha, em roupa interior, atenta a fotografar um buraco que os bichos da madeira tinham feito na mesa.

Observei os músculos tensos das pernas e a lâmina impiedosa da coluna vertebral. Observei aquele corpo velho e seco apesar de em termos de registo ter apenas quarenta e seis anos de vida. Os ossos moviam-se na espinha raquítica enquanto ela preparava o enquadramento. Estavam presentes e vigilantes, eram animais numa emboscada, aqueles ossos. Um oráculo de morte prematura por deterioração. Emergiam daquela flácida imitação de pele, um véu pálido, quase transparente, escurecido de longe a longe pelas nódoas negras que fazia quando caía da cama. Há alguns meses tinham-lhe até parado as menstruações. Numa palavra, a minha mãe estava pronta para deitar fora. Sim, eu sei, as palavras são duas, mas é melhor assim: uma para ela e uma para mim, que de qualquer maneira se tiver que a deitar fora deito-me fora juntamente com ela.

– Vá lá, mãe, chega de fotografias, vou preparar a carne.

Virou-se para mim e disse-me o olhar *Por que é que não me deixas fotografar o buraco?*

Eu respondi-lhe o olhar *Porque não te faz nada bem fazer esses disparates, é óbvio.*

Tinha o cabelo sujo há demasiado tempo. As sobrancelhas largas e ralas enfaixavam as pálpebras com uma sombra escura. Os olhos destacavam-se do rosto macilento como grandes, branquíssimas cascas de caracol. A cor das íris não era mais do que um detalhe na cavidade leitosa dos globos. Sim, os olhos são o espelho da alma, mas a alma da minha mãe era já demasiado pouco vaidosa para querer ver-se ao espelho.

Meti a máquina fotográfica na bolsa de pele sintética. Ela baixou os olhos e deixou-me agir. Fui até à cozinha e tirei os bifos do congelador. Meti-os no micro-ondas. Através da porta vi as fatias ensanguentadas girarem sobre elas mesmas, como órgãos vitais corajosamente evadidos de um corpo e entretidos numa rodinha alegre. Ouvi na sala o ruído de um flash.

Atirei as especiarias para cima da carne, coloquei-a nos pratos e parti a fatia dela em pedacinhos cada vez mais pequeninos até acalmar a minha inspiração de *serial killer*. Abri o frigorífico para ir buscar a água mas só havia uma Heineken do meu pai, que se tornara entretanto a Disneylândia de estranhos organismos castanhos. Se os observasse sem bater as pálpebras eles moviam-se. Deitei-a ao lixo.

Voltei a pegar nela.

Voltei a pô-la no frigorífico. Entre a caixa transparente onde antes tínhamos os queijos italianos (e agora havia um tapete de bolor) e o coração vazio de plástico azul onde metíamos a alface lavada e cortada. Dizem que pelo frigorífico se pode perceber tudo sobre uma família.

Aliás, ali ainda havia mais bolor.

No coração vazio, quero dizer.

\*

A minha mãe comeu o bife como comem os tigres nos documentários, arrotou, limpou a boca. Ergueu o rosto magro com o mapa inteiro do metro de Londres que eram as suas rugas, pegou na Polaroid que estava em cima da mesa e afastou-se.

Ruído de escadas.

Outro arrote.

«Acabam de escutar *Casta Diva*, na flauta Livia Mega. Continuem connosco na Pearl Radio».

Era o que me faltava, deixar o meu prato de carne fria.

Uma vez eu também tinha uma máquina fotográfica. E um estojo de canetas azul de peluche. E um álbum de fotografias. E cinquenta e nove cd e sessenta e sete dvd. E mais um livro de cozinha chinesa, um aparelho estereofónico metalizado, e mais uma bolsinha do Tweety, e mais e mais e mais, nunca se acaba de pôr e mais na fila. Aqueles e mais em que penso sempre mas que não pensam em mim, aqueles e mais que quando se unem fazem uma história que me deitou fora.

Já tinha transferido tudo para o apartamento de Victoria Road, para onde ia viver sozinha, e ia licenciar-me em chinês, e ia acreditar no futuro como as pessoas sãs.

As luzinhas amarelas no espelho.

A gueixa de porcelana com um quimono às flores em cima da cómoda.

Puccini e Verdi oferecidos pela minha mãe e a discografia completa da Björk arrumada por ordem alfabética na primeira gaveta.

O tapete indiano vermelho e verde. Os livros sobre taoismo e as histórias amarelecidas de quando vivia em Turim na Via Vanchiglia.

O álbum de fotografias em pele comigo dentro a crescer através das páginas, começava aos seis anos, na Piazza Castello em Turim, continuava nos sete anos da chegada a Leeds, e depois em cinco minutos dava por mim com dezoito anos, num



apartamento antigo de Victoria Road, com três meses de aulas em cima dos ombros e muitos outros pela frente, e um monte de páginas brancas para encher de fotografias.

Amo as fotografias, fazem-nos acreditar que o tempo se desloca para a frente, como quando se vai de carro e pela janela parece que são as árvores que se deslocam para trás.

Mas depois nunca cheguei a ir viver para lá. No dia doze de dezembro, enquanto pendurava o poster da minha cantora preferida por cima da cama, tocou o meu telemóvel. Fui buscá-lo ao peitoril. A janela estava aberta sobre um sol fingido, um salpico de gema sobre o branco doente do céu.

Lembro-me da gente que lá fora falava e caminhava de braço dado, lembro-me deles todos. Lembro-me da maneira triunfante com que levavam a passear a sanidade dos seus rostos, e os lábios vermelhos sem pele esfolada do frio, que abriam em sorrisos descarados, como se fazia com os lençóis ensanguentados quando a esposa era virgem.

Lembro-me da fachada fresca de verniz do Barclays Bank, também.

Atendi o telefone e a minha mãe estava a chorar. – Aconteceu uma coisa – dizia entre soluços.

- Que coisa, mãe, que coisa?
- Vem já para o hospital.
- Mas o que foi que aconteceu?
- O teu pai.

Lá em baixo as pessoas continuavam a sorrir, que desperdício de contrações faciais quando podiam pura e simplesmente atirar-me uma pedra.

A Björk ficou com o rosto instável, um pionés sim e três não, e certamente quando eu saí precipitou-se como um peso morto em cima do colchão. De facto nunca mais me voltou aos lábios, debaixo do chuveiro, onde normalmente a cantava a plenos pulmões.

Eram onze e cinco, as minhas últimas onze e cinco, porque deixei também o meu relógio subaquático no apartamento,

juntamente com tudo o resto. Corri até ao carro e a rua desenrolava-se como uma bobina, árvores casas takeaway cachorrinhos floristas bancos, e havia *homo sapiens sapiens* por todo o lado e pior ainda havia um sol que os protegia a todos. Todas as coisas deslizavam facilmente, misturavam-se com alegria com tudo o resto, como num daqueles filmes americanos com os atores mais trendy que ao fim aprendem a importância da beleza interior, talvez até ao som do último hit de um ídolo pop anorético. «Vem já para o hospital» tinha dito a minha mãe, até porque ela quando falava dava sempre a impressão de omitir alguma coisa, sentia-se a massa de uma palavra escondida por baixo das outras, sempre, eu odiava aquilo. Tumores verbais, que é preciso extirpar com o bisturi porque se não depois acabam por se tornar verdadeiros.

Ela não estava no hospital. Quando ele deixou de respirar fui procurá-la a casa. Estava em frente à porta com a chave apertada no punho. Eu olhava para ela de trás, com o seu loiro brilhante, os ombros severos, o corpo magro dentro do *tailleur* turquesa.

– Mãe.

O rosto dela que se voltou para mim tornando-me parte do universo dolorosamente azul dos seus olhos. A sua beleza perfeita, a sua beleza final.

– Mãe.

O céu é apenas um remake de baixo orçamento dos seus olhos. O sol é um remake de baixo orçamento dos seus cabelos. Eu sou um remake de baixo orçamento dos seus genes.

Dei um passo em direção a ela.

– Não consigo.

– Fazer o quê, mãe?

– Abrir a porta.

Tirei-lhe a chave da mão. Estava quente de suor e cheirava a metal. É óbvio que as chaves cheiram a metal. Exceto aquelas de plástico com que as crianças brincam. Rodei a chave na fechadura com força. Duas voltas. Depois a nossa velha porta

negríssima emitiu um gemido rouco e deixou-se abrir. A minha mãe entrou. Eu, pelo contrário, voltei-me a observar a cidade que ficava de fora, e apercebi-me de que também ela estava a morrer. O céu estava pálido e incorpóreo como um doente terminal. Fechei os olhos e implorei uma eutanásia cósmica.

A certa altura há um momento. Um momento convencionalizado de propósito para os deprimidos, um momento de desenfreado instinto de sobrevivência onde a gente se farta de ser a única coisa imóvel no turbilhão embriagado de vontade do universo.

Se isto fosse uma história de amor, aquele momento ter-me-ia acontecido ao encontrar um inglês loiríssimo com um quarteto de cordas como pano de fundo. Mas isto não é uma história de amor, apesar de desejar muito sê-lo, dava dez parágrafos para que o fosse, dava até uma personagem, e se não chegasse até duas falas por cada diálogo, mas chega, mais vale deixar de pedir, nunca ninguém a adotaria como história de amor, toda a gente sabe que os cães rafeiros que imploram amor pelas ruas dentro de caixas de cartão nunca se levam para casa. Mesmo aqueles que têm o crachá da Leeds Dog Care Society na lapela, depois de terem parado a dizer «How cute» seguem o seu caminho.

De qualquer maneira, o meu momento foi em dezembro do ano zero, no dia do blusão fúcsia. Tinha acordado de noite com o concerto da respiração da minha mãe. Dormia do lado de fora da minha porta, em posição fetal. Aquilo que de dia era um irrelevantíssimo inspirar e expirar, de noite adquiria uma carnalidade pré-histórica.

Sentei-me ao lado dela.

Disse o olhar *Vai lá para cima para o teu quarto anda lá mãe o chão está frio*. Ela respirou-me um cavernoso *Deixa-me em paz*.

Deviam ser umas sete horas da manhã, mas de qualquer maneira lá fora estava escuro como a qualquer respeitável

hora do dia de Leeds. As horas de luz aqui são objeto de racismo, marginalizam-nas atrás das cortinas.

Então ali estava ele, enquanto debruçada sobre a minha mãe a via voltar a adormecer, a ouvia recomeçar a tocar a sua respiração em dois tempos, ali estava ele, o momento de desenfreado instinto de sobrevivência. Em momentos como este não se pode mesmo ficar indiferente. Ou se lhes faz a vontade com uma pancada de vida, ou se lavam com o nosso próprio sangue.

Atendendo a que o instinto de sobrevivência é o mais vulgar dos instintos humanos, e que como Jesus eu me sentia mais atraída pela crucificação, onde ia eu encontrar àquela hora da madrugada uns judeus prontos para me condenarem e observarem com gosto o meu martírio? E não há martírio sem público. Foi por isso que afinal optei por ir fazer compras.

Leeds estava paralisada sob um colete ortopédico de neve, já não havia telhados, não havia relva, e continuava a nevar. Os campanários aguçados, no outono unhas negras de bruxa, eram agora figuras moles e impessoais que naufragavam dentro do céu. Quanto ao sol, coitado, era um pontinho exausto encastrado algures no meio das árvores secas.

Leeds é como aqueles donos que abanam sadicamente um pedaço de carne à frente do cão e depois o comem, quando saímos vemos aquele sol pendurado no céu e ficamos mais felizes. Pensamos «Se calhar a neve vai parar», fechamos os olhos para os sentir aquecer, mas afinal o sol já se foi embora, deixando o céu opaco e esbranquiçado como uma coxa de frango.

É que Leeds adora os espantalhos, as coisas que se fazem passar por outras coisas, e assim quando alguém se fia a cidade ri-se de nós, sobretudo tratando-se de uma italiana que tem o sol nos genes. Leeds ri alarvemente, cada gargalhada é um trovão. Até o Hyde Park na realidade se chama Woodhouse